

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 448 p.

## DO SAPIENS AO HOMO DEUS EM HARARI

Kelvin Oliveira do Prado<sup>1</sup>

O historiador israelense Yuval Harari tem se tornado muito conhecido no âmbito dos *best sellers* brasileiros em livros de não ficção. Suas três obras consecutivas, “Sapiens” (2015), “Homo Deus” (2016) e mais recentemente “21 lições para o século XXI” (2018) despontam entre os mais vendidos, o que o põe entre aqueles denominados “intelectuais populares” e é interessante para campos como a História, que são cada vez mais disputados social e politicamente.

Em “Homo Deus”, o historiador direciona sua atenção para o futuro da humanidade, porém, tem sempre em vista o que foi tecido historicamente. Nesse sentido, a sua obra anterior, “Sapiens”, desponta como um caminho para “Homo Deus”, no sentido de descobrir para onde vamos e quais os possíveis novos problemas e conquistas do futuro. A produção está dividida em três partes, as quais conjugam tópicos que dialogam entre si e expressam as ideias trazidas pelo autor, como pontuado, desde a sua obra anterior. Sob tais perspectivas, Harari traz um olhar histórico, científico, social e filosófico para a sua abordagem. Esse olhar para as origens dos humanos, em combinação com o presente e o futuro, traz à luz anseios e medos, bem como possibilidades contemporâneas tendo em mente a tecnologia e seus impactos.

O autor parte de uma “nova agenda humana”, mas fazendo uma análise histórica, como de praxe, tendo em vista a fome, a peste e a guerra, as quais nos despertam para problemas do presente, controlados em determinadas partes, mas não resolvidos. Como põe o autor, durante o último século, a humanidade ficou mais vulnerável a epidemias, graças à combinação do aumento da população e meios de transporte mais eficientes (HARARI, 2016). Isso nos desperta para o presente momento, em que uma pandemia assola a mundo, sobretudo o Brasil, além de trazer ao nosso olhar a rapidez com que o vírus se espalhou em fins de 2019, apesar de sua prévia existência e conhecimento.

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB.

Segundo o autor, a História não tolera o vazio, com isso, se as ocorrências de fome, pestes e guerra estão decrescendo, algo está destinado a tomar esses lugares. O crescimento advindo com controles e tecnologias também desestabiliza o equilíbrio ecológico do planeta. Nesse horizonte, surgem questionamentos de ordem filosófica observados há muito, como o desejo, isso desde a Antiguidade, mas se pensarmos não tão longe, vamos a Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer.

Fato é que, como põe Harari, o sucesso alimenta a ambição, dificilmente estamos satisfeitos com o que temos, e as conquistas impõem o estabelecimento de objetivos mais ousados. Para o autor, as próximas metas serão provavelmente a imortalidade, a felicidade e a divindade. Nesse sentido, ele já tinha discutido a questão da felicidade em sua obra anterior, “Sapiens”, algo muito subjetivo e que tem sua complexidade se fizermos comparações históricas entre os sujeitos do presente e do passado levando em conta as condições em que vivem e viveram.

Em “Homo Deus”, o autor faz novamente um apanhado dessa perspectiva, passando da Antiguidade aos tempos Modernos, em Epicuro, Jeremy Bentham, John Stuart Mill até os acontecimentos mais contemporâneos. Todavia, para o israelense, precisamos esquecer o crescimento econômico, as reformas sociais e as revoluções, porque para elevar os níveis globais de felicidade, precisamos manipular a bioquímica humana. Outrossim, isso tem sido feito, observando-se as drogas psiquiátricas que carregavam estigmas, mas isso mudou. Em suma, o propósito seria fazer dos humanos deuses e transformar o Homo sapiens em Homo deus.

Em seguida há a transição por conquistas mais recentes da ciência, o espaço, a tecnologia entre vários outros processos. A obra pelo Antropoceno, o domínio dos humanos pelo globo, sobre os animais, sobre alguns aspectos naturais, bem como contradições inerentes. Harari pontua que hoje dominamos o planeta porque o *Homo sapiens* é a única espécie na Terra capaz de uma cooperação flexível e em grande escala. Assim, se os humanos não tivessem aprendido a cooperar, nossos cérebros e mãos estariam quebrando lascas de pedra, e não átomos de urânio.

Essa cooperação em grande escala baseia-se, segundo o autor, na nossa crença em ordens imaginadas, conceito que o autor trouxe também em “Sapiens”, no qual explica que essa “realidade imaginada” proporciona muito efeitos que nem mesmo percebemos, em ordens que existem em nossa imaginação e que geram significados que acreditamos fielmente. É uma teia intersubjetiva de significados: leis, forças, entidades e lugares que existem

unicamente em nossa imaginação comum, com isso, Harari nota que esses processos proporcionam a organização de cruzadas, de revoluções socialistas e de movimentos de direitos humanos.

Na parte II da obra, o autor faz novos apanhados históricos, da teia de “histórias ficcionais”, transitando da Revolução Cognitiva à Revolução Agrícola e Científica. As abordagens de comparação entre questões do presente e do passado talvez tragam à luz algumas das questões que demonstrem seu grande sucesso, como observar esses processos imaginados, ao pensar que para os sumérios as divindades Enki e Inana eram tão reais quanto o Google e a Microsoft são reais para nós, gerando um sentido de identificação presente e passado. Pontua que as invenções das marcas, mas não como uma invenção moderna, ao comparar, por exemplo, Elvis Presley e um faraó, em que ambos seriam mais uma marca do que um organismo vivo, dado que para milhões de seguidores, suas imagens representavam mais do que sua realidade carnal, sendo cultuados após a morte.

O autor transita traçando reflexões entre ciência e religião, aliando-se ao âmbito de noções de ordem social, bem como passa ao parâmetro do humanismo e seus impactos modernos, da passagem ao âmbito individual e subjetivo: da política, economia, estética, ética e educação humanista. Com isso, Harari atesta que o foco humanista em sentimentos e experiências, e não em feitos, transformou a arte.

Na última parte do livro, são postos “previsões” e prognósticos ao futuro, discutindo temas como biotecnologia e a inteligência artificial em relação ao humanismo (tratado como uma religião). Para Harari, duvidar do livre-arbítrio não é só um exercício filosófico, pois existem implicações práticas. Se organismos carecem de uma vontade livre, a implicação é de que poderíamos manipular/controlar seus desejos utilizando drogas, engenharia genética ou estimulação cerebral direta.

No final da obra são tecidas conjecturas que não cabem aqui, mas que podem dar uma noção da direção, expondo, por exemplo, que novos projetos do século XXI, como a imortalidade, felicidade e divindade, esperam servir a todo o gênero humano, mas podem resultar na criação de uma nova casta super-humana, bem como volta a tratar do dataísmo, da ciência e de algoritmos, também visto em outras obras do autor. A conclusão da obra se dá com um breve apanhado histórico que rememora a separação e a unificação do gênero humano.

Despertando paixões e antipatias dos leitores dos mais diversos segmentos, fato é que suas obras, sobretudo esta aqui resenhada, conta com grandes reflexões, bem como pontos de

crítica e elogios, como qualquer obra que se propõe a pensar o tempo presente e o futuro. O devir nunca é previsto como um todo, mas sempre desperta curiosidades e expectativas, bem como prognósticos surgidos do que vivemos anteriormente e do que vivemos agora. As reflexões que traz são relevantes, sobretudo tendo em vista a realidade em que vivemos, mas falando das ‘previsões’ pontuadas, a própria obra as rebate em alguns momentos, considerando-as especulações, pois, como dito, nada é “certo” no todo, o que ressalta a reflexão, entre leitores, se são prognósticos tão relevantes.

Apesar de tudo que se possa dizer, é mais uma leitura que engaja e tensiona, mesmo sendo longa. Assim como suas outras obras e temas de que trata, o autor desperta os leitores com sua escrita envolvente. Se comparada com “Sapiens”, a primeira tende a ser menos densa por possuir menos conjecturas e também pelo fato de que em “Homo Deus” o autor volta a retomar temáticas já vistas no livro anterior, o que pode tornar a leitura, para quem passou pela produção anterior, mais densa e ‘repetitiva’. Entretanto, tendo em vista assuntos que, por vezes, são complexos ou vistos como tais, Harari consegue envolver e trazer reflexões interessantes para o mundo tecnológico e as problemáticas do tempo presente, nos fazendo pensar no futuro a partir dele e dos problemas novos surgidos após 2016.

### **Bibliografia complementar**

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.